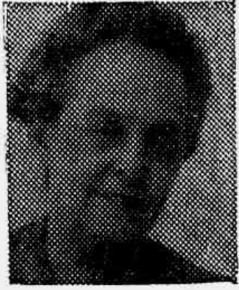


ANO V ★ N.º 94 ★ JULHO, 1952 ★ CR\$ 1,00

# Momento Feminino



BRASIL  
1952



**11 DE JUNHO** é uma data triste para o coração das mulheres brasileiras. Foi nesse dia, há dois anos atrás, em 1950, que deixou de existir uma amiga muito querida: D. Alice Tibiriçá.

Primeira presidente e fundadora da Federação de Mulheres do Brasil, Alice Tibiriçá conquistou o coração de todos os democratas e patriotas brasileiros. Corajosa e decidida, desde suas primeiras lutas a favor dos lázaros abandonados e de seus filhos, D. Alice participou mais tarde das grandes campanhas em defesa de nosso petróleo e da economia nacional, em favor dos direitos cívicos das mulheres e de sua organização, numa poderosa entidade.

Pela passagem do 2.º aniversário de sua morte, um grupo de amigos e admiradores foi à beira de seu túmulo, depositar ramos de flores e pronunciar algumas palavras de saudade.

O nome de Alice Tibiriçá continua sendo uma estímulo para o prosseguimento das árduas campanhas em que se empenham as mulheres do Brasil, em busca da felicidade de seus filhos e na conquista da paz mundial.

# ATIVIDADES FEMININAS

**PERNAMBUCO** — A Associação de Mulheres de Pernambuco continua desenvolvendo grande atividade em defesa da paz em benefício do bem estar do povo pernambucano. Assim é que a Associação enviou uma moção de regosijo aos marinheiros do navio «Tainandaré» que estiveram ameaçados de embarcar para a guerra da Coréia. Enviaram também um ramalhete de flores.

A Associação promoveu uma visita às vítimas de dois lamentáveis desastres verificados em consequência do descaso dos patrões pela vida dos trabalhadores. Uma das associadas aproveitou a boa acolhida para explicar as finalidades da Associação que luta pela paz e contra a carestia. Um pastor presbiteriano que estava presente louvou a iniciativa das mulheres pernambucanas.

Prosseguindo em suas atividades, a Associação de Mulheres de Pernambuco enviou um protesto ao Sr. Getúlio Vargas contra a assinatura do acôrdo militar com os Estados Unidos.

**GOIÁS** — Foi eleita a nova diretoria da União Feminina de Goiânia que ficou assim constituída: Presidente — Joaquina de Freitas Azevedo; Presidente de Honra — Francisca Pereira; 1.º Vice-Presidente — Glória Píllomia de Souza (Presidente em exercício); 2.º Vice-Presidente — Eunice de Mello Rosa; 3.º Vice-

Presidente — Judith P. Campos Netto; 4.º Vice-Presidente — Ana Maria de Oliveira; Secretária Geral — Jandira Hermano; 1.º Secretária — Maria de Lourdes Almeida; 2.º Secretária — Anita Tavares; Tesoureira — Dinorah Faria Cury; 2.º Tesoureira — Rosalina Nunes; 3.º Tesoureira — Anália Vitorino Magalhães. O Conselho Consultivo ficou constituído de tôdas as presidentes das seções das Uniãos Femininas dos Municípios, distritos e do campo. Foi organizada também uma «Comissão contra a carestia».

Recebemos mais um número do jornal «Mulher em Marcha» que tem como Diretora a Sra. Jandyra Hermano. O jornal traz uma entrevista dada pela Sra. Odessa Sabino Jorge que representou o Estado de Goiás na Conferência Continental da Paz, realizada em Montevidéu. Foram publicadas várias mensagens de delegados à referida Conferência, artigos contra a carestia, várias notas e um artigo de solidariedade às partidárias da paz Jean Sarkis, Marinete e Irmãs Gimenez, encarceradas por lutarem contra a guerra.

«Momento Feminino» faz votos para que o jornalzinho das mulheres de Goiás obtenha sempre maior êxito.

**SÃO PAULO** — A Federação das Mulheres do Estado de São Paulo realizou uma Assembléa

Geral Extraordinária para a eleição da nova diretoria. Compareceram à reunião cerca de 200 mulheres e mais 74 delegadas, sendo 57 da capital e 17 do Interior, representando 22 núcleos. Participou dos trabalhos, como representante da Federação de Mulheres do Brasil, a Srta. Eunice Veiga.

Os trabalhos decorreram em meio a grande animação. Foram organizados passeios e recepções. Uma delegação visitou as valorosas partidárias da paz, irmãs Gimenez que estão presas por lutarem contra a guerra, levando-lhes sua solidariedade fraternal.

Durante as recepções usaram da palavra as associadas Lúcia Brito, diretora do Departamento Municipal e Maria Bevilacqua, da Comissão de Finanças da FMESP.

A Assembléa aprovou várias moções. Uma delas refere-se à guerra bacteriológica. A Federação de Mulheres do Estado de São Paulo protestou enérgicamente contra o emprégo dessa arma desumana. Outra moção aprovada foi em homenagem à Federação de Mulheres do Brasil e de solidariedade à Marinete, Jean, Ana e Margarida Gimenez, heróicas defensoras da paz.

Também foi enviada moção ao Deputado Federal Carmelo D'Agostini pedindo-lhe utilizar a tribuna da Câmara para salientar a necessidade de intercâmbio comercial entre o Brasil e todos os outros países.

## Um Comando na Fazenda Macaúbas

Um comando de partidárias da paz de Batatais, Estado de São Paulo, percorreu a Fazenda Macaúbas, de propriedade do Sr. Domingos de Moraes. Foram muito bem acolhidas pela maioria das pessoas que ali vivem.

O Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências foi assinado por cerca de 300 pessoas. Uma mulher, ao subscrever aquele documen-

to de paz, declarou, indignada: «Passamos fome e ainda querem mandar nossos filhos para a Coréia!»

Ao mesmo tempo em que se informavam das finalidades do Apêlo, as mulheres, de aspecto doentio e mal vestidas, iam contando como vivem na fazenda dezenas de famílias. O salário médio é de Cr\$ 20,00 por dia para toda uma família de oito

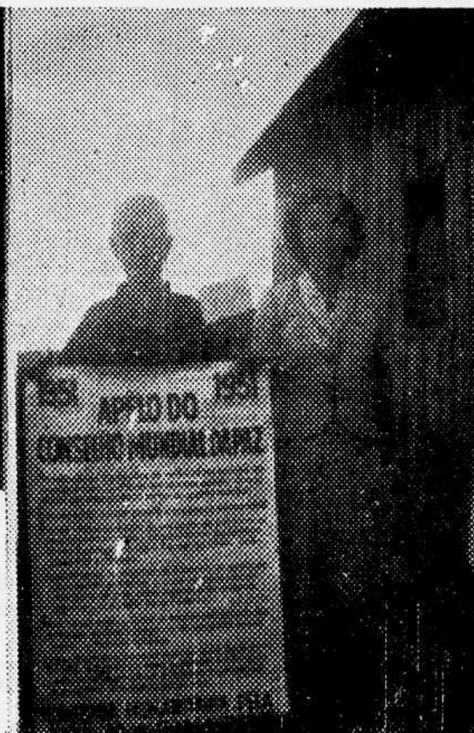
peçoas. O dono da fazenda tem milhares de sacos de arroz armazenados em Batatais esperando a alta do preço e, enquanto isso, êsse produto, plantado e colhido pelos camponeses, não lhes chega à mesa. Carne só comem quando uma rês se machuca e precisa ser morta, ou então no Natal, quando um boi é distribuído entre 80 famílias...

O comando feminino viu crianças seminuas sentadas no chão e comendo em latas sujas. Uma velha mãe chorava desesperadamente a morte de um seu filho, pai de sete filhos, que não suportando a miséria em que vivia com sua família, se havia suicidado.

Quando já o comando se retirava, chegou a notícia de que o capataz da fazenda, José Lombardi, ameaçava de despejo aqueles que haviam assinado o apêlo. Então as partidárias da paz explicaram mais uma vez, diante de 80 pessoas, que aquelas assinaturas significavam uma grande ajuda à luta pela paz. Alguns, mais amedrontados, pediram para tirar suas assinaturas mas outros quiseram ficar com novas listas para serem preenchidas.



*Nossas amigas da União Feminina de Bauri, vendo-se ao lado sua presidente, empunhando um cartaz que transcreve o "Apêlo por um Pacto de Paz".*



**EXPEDIENTE**  
DIRETORA  
**ARCELINA MOCHEL**  
Redação e Administração: Rua Evaristo da Veiga, 16 - Sala 808  
— Rio —

# IMPRESSÕES DA URSS

**A** CONVITE da organização cultural soviética V.O.K.S., (Departamento de Relações Culturais com o Estrangeiro) uma grande delegação brasileira visitou, durante o mês de maio p. findo, a União Soviética, onde teve oportunidade de verificar o modo de vida do povo e algumas das realizações do socialismo. Entre os componentes da delegação encontravam-se as seguintes senhoras brasileiras: Violinista Mariucha Iacovino, Sra. Cristina Irineu Joffily, dra. Lourdes Palmeira, sra. Heloisa Ramos e jornalista Nair Batista.

A reportagem de MOMENTO FEMININO procurou ouvir as opiniões de algumas das componentes da delegação brasileira, a fim de transmiti-las às suas leitoras.

A nossa entrevistada, sra. Heloisa Ramos declarou:

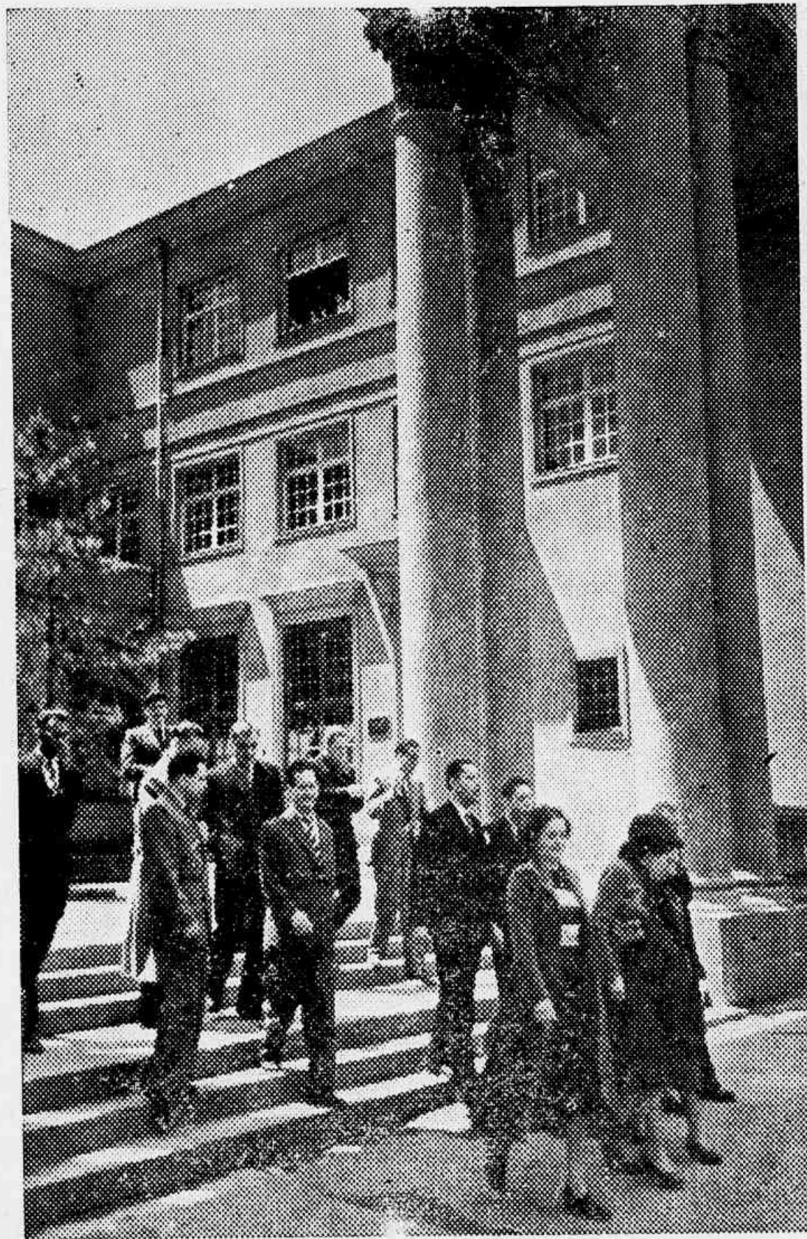
«É preciso o que mais me impressionou na União Soviética. Teria sido a alegria saudável das crianças, o vigor da gente moça ou a satisfação tranqüilas dos velhos? Saindo de um país onde, segundo afirmou o Ministro da Educação, em 1950, morre uma criança de dois em dois minutos, percorremos as creches, jardins da infância, e vimos crianças robustas e felizes. Homens e mulheres, nas ruas, nos cinemas, nos teatros e locais de trabalho — desde Moscou e Leningrado, a Tbilice, Cagra, Sukhume e Cori — falam de um mundo novo, da felicidade e da paz. Observamos, também, a obra grandiosa de um povo acolhedor e amigo, que não nos deixa esquecer o interesse das moças do Teatro Paliachiville, na Geórgia, das mulheres do Comité Anti-Fascista de Mulheres Soviéticas, pela vida no Brasil. Visitamos ainda as escolas, museus, bibliotecas, onde a cultura supreende o visitante que vem de um país de 57% de analfabetos. É tudo grandioso e belo. Não encontramos a cortina de ferro amplamente divulgada no Ocidente. A União Soviética tem as suas portas abertas a todos os amigos da paz, a todos que desejam realmente ver e sentir esse mundo novo que surgiu na Pátria do Socialismo.»



*A violinista Mariuccia Iacovino abraça uma linda garotinha, durante a visita à Casa de Crianças nº 27, em Moscou.*

Em seguida, ouvimos a Dra. Lourdes Palmeira que, completando as impressões de D. Heloisa Ramos, disse do seu entusiasmo pelo que pôda presenciar na U.R.S.S. no que se refere à proteção à infância:

«Já antes do nascimento, a criança soviética principia a gozar os privilégios de uma sábia legislação. A proteção à gestante, o salário acrescido em virtude do nascimento de cada filho, as cre-



*A delegação de intelectuais brasileiros visita uma casa de cultura em Leningrado.*

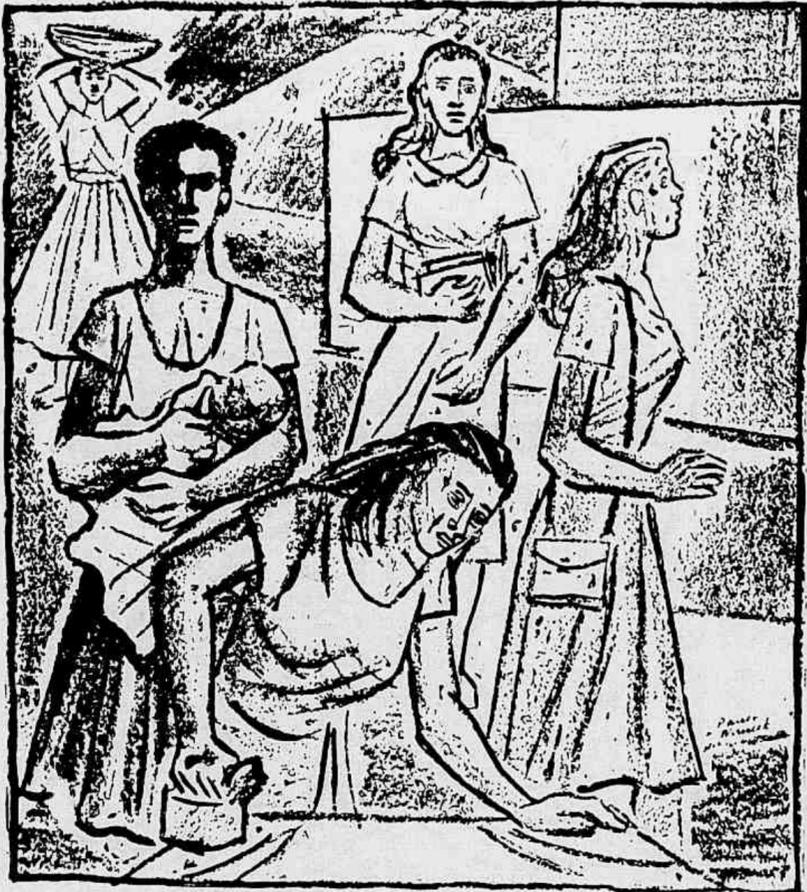
ches modelares nas fábricas, nos kolkozos, etc. atestam o cuidado que o governo dispensa às crianças. Em tôdas as cidades por onde passamos, tivemos o prazer de visitar admiráveis organizações para a infância. E a impressão que me ficou de tudo quanto vi, foi a de que um povo que cuida com tanto carinho de suas crianças, é um povo digno do maior respeito e da maior admiração. Por aí se compreendem também as razões pelas quais a palavra «Paz» encontra-se tão difundida por todo o território da U.R.S.S. Não houve um só estabelecimento onde tivéssemos estado em que não nos pedissem que transmitíssemos ao nosso país e ao nosso povo os anseios de paz, que enchem o coração de milhões de seres».

Terminando a nossa entrevista, ouvimos a palavra da jornalista Nair Batista que, ao referir-se às manifestações do 1.º de maio em Moscou, disse:

«Nunca vi espetáculo tão belo em minha vida. E não me refiro apenas ao esplendor da parada militar. O que mais me comoveu foi o desfile popular, que durou das 11 horas da manhã até às 16 da tarde. Quatro milhões de pessoas carregando as flores da primavera, entre gigantescos retratos e flâmulas rubras e multicores, desfilavam cantando e saudando carinhosamente os seus queridos dirigentes. Cada vez que aquela multidão passava diante da tribuna onde se encontravam Stalin e demais dirigentes da U.R.S.S. formavam-se como que enormes jardins suspensos. As mais belas combinações de côres harmonizavam-se na manhã primaveril de maio. E no meio da mais admirável ordem e da mais sadia e cordial alegria, a palavra Paz era como um traço de união entre tôdas as criaturas do mundo, como que um apêlo à boa vontade e a cooperação para a felicidade e um futuro feliz para todos.»

# MOMENTO feminino

## Cinco anos de vida em Defesa dos



O n.º 1 de MOMENTO FEMININO estampava na capa o nome de suas colaboradoras. Seu aparecimento coincidia com a eleição recente, pela 1.ª vez, de quatro representantes femininas para a Câmara de Vereadores do D. Federal, tôdas elas colaboradoras do jornal.

A 25 de julho de 1947 surgia no Brasil o primeiro jornal feminino democrático, exprimindo os anseios da mulher brasileira por uma vida melhor e mais digna \* Em defesa da paz, da felicidade das crianças, de direitos iguais para a mulher trabalhadora, de uma vida tranqüila para a dona de casa, contra a exploração da mulher do campo: êsse o programa de MOMENTO FEMININO, que êle tão honrosamente soube cumprir nesses cinco anos de lutas constantes \* Reforçar a imprensa feminina democrática deve ser a preocupação de tôdas as mulheres que desejam o progresso de sua Pátria e o futuro feliz de tôda a humanidade!

25 de julho é uma data festiva para tôdas nós: para aquelas que trabalham em MOMENTO FEMININO, escrevendo suas matérias, em sua administração, ou andando horas seguidas para obter o dinheiro necessário à sua confecção — para tôdas essas, como para aquelas outras que divulgam a revista e andam ruas e ruas distribuindo-a em cada porta, para aquelas ainda que apenas o lêem, uma vez por mês, é uma data festiva.

25 de julho de 1952 é a data do 5º aniversário de MOMENTO FEMININO. Por isso, é uma data tão cara aos nossos corações. São cinco anos de vida! E é uma vida que honra e orgulha a tôdas as mulheres brasileiras que desejam, almejam e lutam por tudo aquilo que constitui a própria razão da existência de uma revista como MOMENTO FEMININO.

Nesses cinco anos, muitas coisas tem vivido e refletido o jornal das mulheres democratas de nossa terra. As lutas e sofrimentos



A vida humilde de sacrifícios e trabalhos árduos, das lavadeiras, que habitam os barracos das favelas do Rio de Janeiro como das outras grandes cidades, foi contada nas páginas de MOMENTO FEMININO. E graças a êle, às experiências que transmitia e ao estímulo que lhes dava, começaram elas a organizar-se em defesa de seus interesses e conquistaram as primeiras vitórias.

# Direitos da Mulher e da Criança!



As filas da carne... As filas imensas, que se estendiam desde as primeiras horas da madrugada até muito depois do sol raiar, refletiam as duras condições de vida das donas de casa. Contra a carestia, contra a especulação e as promessas falsas de governantes demagogos, ensinando às mulheres que a única maneira de resolver seus problemas seria unirem-se e lutar, ergueu-se sempre nossa voz, de MOMENTO FEMININO.

mentos de todo o nosso povo: contra a vida cara, contra os atentados às liberdades democráticas, em defesa de direitos iguais para as trabalhadoras, por aumento de salários, em defesa da vida e da felicidade das crianças.

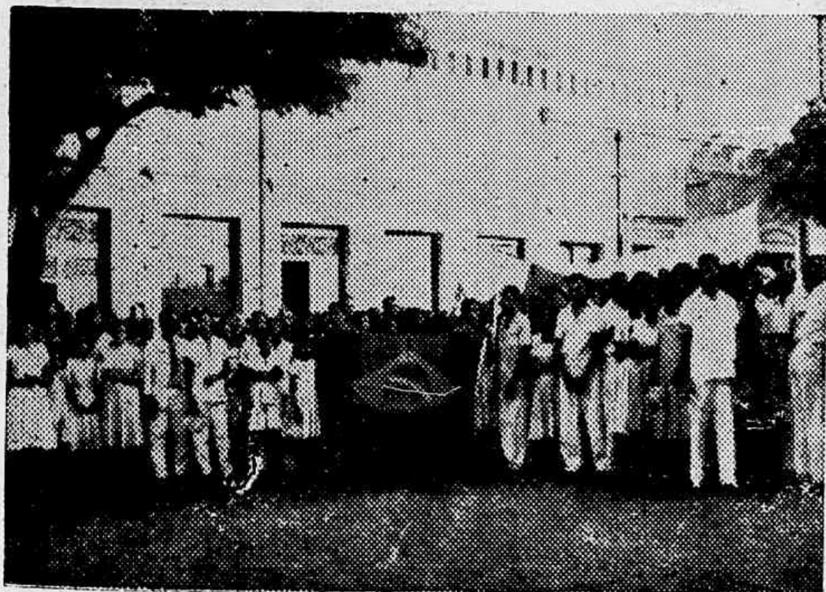
E o nosso orgulho está em que MOMENTO FEMININO soube manter, durante todo esse tempo, sua posição de defensor intransigente daqueles direitos, tantas vezes sufocados por governantes que não atendem aos interesses do povo.

Nesses cinco anos, sua voz se ergueu sempre em defesa desses interesses espepinhados. E ele pôde prosseguir, apesar de todas as dificuldades, graças ao carinho constante, à ajuda e à solicitude das mulheres brasileiras, que compreendem a importância e a necessidade de terem o seu órgão. Por isso elas o mantêm, por isso aceitam com carinho as suas iniciativas e correspondem aos seus apelos.

Agora, que cinco anos foram vencidos, é para cada leitora de MOMENTO FEMININO, para cada amiga nesse nosso imenso país, do longínquo Amazonas aos pampas do Sul, que vai a saudação de todas quantas fazem MOMENTO FEMININO.

PARABÉNS para as mulheres democratas e patriotas, parabéns para aquelas que com seu trabalho diário e perseverante, de vender alguns exemplares de MOMENTO FEMININO, obter algumas assinaturas ou conseguir um pequeno donativo, garantem a existência de um jornal feminino democrático.

FANNY TABAK



As tecelãs, grande contingente da imensa massa feminina que trabalha nas fábricas e oficinas, nas empresas e laboratórios, nos balcões das casas comerciais e nas repartições públicas, reforçaram sua união e com sua luta conquistaram vitórias. As operárias têxteis de Fortaleza, «em greve contra a fome», contaram com o apoio caloroso de MOMENTO FEMININO, que levou a todos os recantos do Brasil sua experiência e seu apêlo.

MOMENTO FEMININO

## Como comemorar o 5.º aniversário

○ 5.º aniversário de MOMENTO FEMININO será comemorado festivamente em todo o Brasil, pelas leitoras, representantes e amigas de nosso jornal.

Mas, qual será a melhor maneira de comemorar esse aniversário?

A melhor maneira seria, por exemplo, preparar em todas as cidades, municípios e bairros, um grande comando de venda e distribuição de MOMENTO FEMININO. Aproveitando o domingo após o recebimento do jornal, dia em que as mulheres estão em casa, nossas amigas poderiam difundir rapidamente centenas de exemplares. Assim, arranjariam não só novas compradoras, como também novas amigas do jornal.

Além desses comandos, outra maneira de comemorar bem nosso aniversário seria organizar "círculos de amigas" de MOMENTO FEMININO. Esses círculos teriam por finalidade ler o jornal, fazer festinhas em seu benefício, enviar colaborações, obter assinaturas, alcançar uma cota mensal fixa, que deveria ir aumentando progressivamente, de contribuição para MOMENTO. Assim, um círculo poderia arrecadar Cr\$ 50,00 por mês; outro, Cr\$ 100,00 e etc. que seriam enviados para nossa redação. Seria essa uma ajuda inestimável de nossas amigas e leitoras.

Vamos ajudar MOMENTO FEMININO, queridas amigas?

Mandem-nos pedidos de aumento de cotas, novas assinaturas, donativos e contribuições.

Assim estaremos comemorando da melhor maneira o 5.º aniversário de nosso querido MOMENTO.

## Obrigado, Amiga!

Nossa amiga Lenira de Souza, residente em Recife, teve uma excelente iniciativa: ao realizar um comando de venda de MOMENTO FEMININO, conseguiu, graças ao seu entusiasmo por nossa revista e a seus argumentos, vender um único exemplar por Cr\$ 50,00 (cincoenta cruzeiros).

Esse é um donativo esplêndido, que agradecemos comovidas.

Desejamos que outras amigas sigam o exemplo de Lenira, para que o jornal das mulheres democratas tenha diminuídas suas dificuldades financeiras.

Obrigado, Lenira!

# Vidas Sêcas

Romance de Graciliano Ramos

CAPÍTULO VII

## INVERNO

(CONCLUSÃO)

As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral. A chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, êle Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez sinhá Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente, o girau de varas onde se espichavam era incômodo.

Fabiano gesticulava. Sinhá Vitória agitava o abano para sustentar as labaredas no angico molhado. Os meninos, sentindo frio numa banda e calor na outra, não podiam dormir e escutavam as lorotas do api. Começaram a discutir em voz baixa uma passagem obscura da narrativa. Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam-se atracando. Fabiano zangou-se com a impertinência dêles e quis punilos. Depois moderou-se, repisou o trecho incompreensível utilizando palavras diferentes.

O menino mais novo bateu palmas, olhou as mãos de Fabiano, que se agitavam por cima das labaredas, escuras e vermelhas. As costas ficavam na sombra, mas as palmas estavam iluminadas e côr de sangue. Era como se Fabiano tivesse esfolado um animal. A barba ruiva e emaranhada estava invisível, os olhos azulados e imóveis fixavam-se nos tições, a fala dura e rouca entrecortava-se de silêncios. Sentado no pilão, Fabiano derreava-se, feio e bruto, com aquêlle jeito de bicho lerdo que não se agüenta em dois pés.

O menino mais velho estava descontente. Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. Mas surgira uma dúvida. Fabiano modificara a história — e isto reduzia-lhe a verossimilhança. Um desencanto. Estirou-se e bocejou. Teria sido melhor a repetição das palavras. Altercaria com o irmão, procurando interpretar-las. Brigaria por causa das palavras — e a sua convic-

ção encorparia. Fabiano devia tê-las repetido. Não. Aparecera uma variante, o herói tinha-se tornado humano e contraditório. O menino mais velho recordou-se dum brinquedo antigo, presente de "seu" Tomás da bolandeira. Fechou os olhos, reabriu-os, sonolento. O ar que entrava pelas rachas das paredes esfriava-lhe uma perna, um braço, todo o lado direito. Virou-se, os pedaços de Fabiano sumiram-se. O brinquedo se quebrara, o pequeno entristecera vendo as peças inúteis. Lembrou-se dos currais feitos de seixos miúdos, sob as catingueiras. Agora a lagoa estava cheia, tinha coberto os currais que êle construíra. O barreiro também se enchera, atingia a parede da cozinha, as águas dêle juntavam-se às da lagoa. Para ir ao quintal, onde havia craveiros e panelas de losna, sinhá Vitória saía pela porta da frente, descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna. Atrás da casa, as cêrcas, o pé-de-turco e as catingueiras estavam dentro d'água. As goteiras pingavam, os chocalhos das vacas tiniam, os sapos cantavam. O som dos chocalhos era familiar, mas a cantiga dos sapos e o rumor das goteiras causavam estranhezas. Tudo estava mudado. Chovia o dia inteiro, a noite inteira. As moitas e capões de mato onde viviam seres misteriosos tinham sido violados. Há lá sapos. E a cantiga dêles subia e descia, uma toada lamerosa enchia os arredores. Tentou contar as vozes, atrapalhou-se. Eram muitas, com certeza havia uma infinidade de sapos nas moitas e capões. Que estariam fazendo? Por que gritavam a cantoria gorgolejada e triste? Nunca vira um dêles, confundia-os com os habitantes invisíveis da serra e dos bancos de macambira. Enrolou-se, acomodou-se, adormeceu, uma banda aquecida pelo fogo, a outra banda protegida pelas nádegas de sinhá Vitória.

O abano agitava-se, a madeira úmida chiava, o vulto de Fabiano iluminava-se e escurecia.

Baleia, imóvel, paciente, olhava os carvões e esperava que a família se recolhesse. Enfastiava-a o barulho que Fabiano fazia. No campo, seguindo uma rês, esguelava-se demais. Natural. Mas ali, à beira do fogo, para que tanto grito? Fabiano estava-se cansando à toa. Baleia se enjoava, cochilava e não podia dormir. Sinhá Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas com Fabiano. Os meninos se arrumariam na esteira, por baixo do carritó, na sala. Era bom que a deixassem em paz. O dia todo espiava os movimentos das pessoas, tentando adivinhar coisas incompreensíveis. Agora precisava dormir, livrar-se das pulgas e daquela vigilância a que a tinham habituado. Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas e ouvindo rumores desconhecidos, o tique-taque das pingueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio. Bichos miúdos e sem dono iriam visitá-la.

## ★ ★ ★ SOCIAIS ★ ★ ★

### ANIVERSÁRIOS:

26 de junho — D. Zuleima Modesto, presidente da União Feminina de Uberaba — Minas Gerais.

27 de junho — Completou 4 anos a graciosa menina Sonia Maria, filha de José Batista e Otilia Maia, amigos e leitores de «MOMENTO FEMININO», residentes em Uberaba — Minas Gerais.

5 de julho — Aniversariou o menino Lupércio Freitas Brito, filhinho de nossa leitora Maria

do Carmo Brito e do Sr. Luis Brito, residentes em Recife, Pernambuco.

### NASCIMENTOS:

13 de abril — Nasceu a linda garotinha Stela Rúbica, filhinha de nossa assídua leitora em Salvador, Bahia, Sra. Carmosina Costa. Seus papais, receberam inúmeros cumprimentos.

23 de junho — A Sra. Giselda Vieira Filizola e seu esposo, sr. Valter Filizola, tiveram seu lar

enriquecido com o nascimento de uma linda garotinha, que recebeu o nome de Juçara.

Parabens de MOMENTO FEMININO a todos êsses amigos e amigas.

No dia 17 de junho p. p., nossa amiga Stela Gregori Oliveira e seu esposo tiveram o seu lar aumentado com o nascimento de um robusto garoto, que recebeu o nome de Envers-Luiz.



Roberto Lopes de Sousa



Yolanda Lopes de Sousa  
sobrinhas de Terezinha Lopes,  
nossa leitora.



Srta. Célia Diniz e Sr. Anibal Cruz Corrêa

### CASAMENTOS:

Casaram-se no dia 7 de julho, na Igreja de São Cristóvão, a senhorita Célia Diniz dos Santos, com o Sr. Anibal Cruz Correia; e no dia 19 de julho, na mesma Igreja, a senhorita Dulce Diniz dos Santos com o Sr. José Martins de Abreu. Ambas as noivas são filhas de nossa representante em São Cristóvão, dona Maria Diniz.

«Momento Feminino» apresenta aos noivos parabens e votos de felicidade.

# VINTE E CINCO ANOS

Conto de Arthur Azevedo

QUANDO Luis Malheiros tomou, no largo da Carioca, o bonde que o devia conduzir ao Hotel dos Estrangeiros, onde se hospedara, sentou-se, por acaso, ao lado de uma senhora de idade, modestamente vestida de preto, magríssima, faces encoçadas, boca desguarnecida, olhos pisados.

Logo que elle entrou no carro, ella mediu-o de alto a baixo, cravou-lhe um olhar tão interrogativo que o impressionou, e passados alguns instantes, perguntou-lhe á queima-roupa:

— O senhor não se chama Luis Malheiros?

— Sim, senhora.

— Bem sabia eu que me não enganava, apesar de o não ver há vinte e cinco anos.

— Há, efetivamente, vinte e cinco anos que parti para a Europa, de onde regressar há dois dias.

— Li nos jornais a notícia da sua chegada; sem esta circunstância, não o teria talvez reconhecido.

— Com quem tenho a honra de falar?

— Com uma... amiga de Miloca Pontes.

Ao ouvir pronunciar esse nome, Luis Malheiros estremeceu como tocado por uma corrente eléctrica.

— Creio que foi por causa dela que o senhor empreendeu essa longa viagem...

— Não, confesso á senhora, — foi por causa dela que parti para nunca mais voltar.

— E por que voltou?

— Voltei, por ter sabido que ella enviuvava...

— Que! pois tenciona ainda...?

— Ser seu marido? Certamente! Não sabe a nossa história?

— Sei que se amaram... que foram noivos.

— Já tinha sido marcado o dia do nosso casamento. Eu era o mais feliz dos homens, e ella também me parecia contente e satisfeita, mas... a fatalidade...

— O senhor brigou com o Tancredo...

— O irmão de ella, é verdade... Tivemos uma questão ao jôgo, e elle dirigiu-me um insulto que me obrigou a esbofetear-lo. Tôda a família se voltou contra mim. Desmanchou-se o casamento.

— Também o senhor nada fez para que se reatassem as relações...

— A minha dignidade não me permitia. Era o que me faltava: dar satisfação áquella patife!

— Sr. Malheiros, respeite a memória de um morto!

— Medi a profundidade do abismo que se cavara entre mim e ella, e supus que pudesse esquecê-la pondo entre nós esse outro abismo, o oceano. Era órfão, não tinha parentes nem adherentes; para desprender-me completamente dêsse país, liquidei os meus bens e levei-os comigo para o exílio.

— E não a esqueceu?

— Não a esqueci! Dir-se-ia que o bulício das grandes capitais, longe de apagar no meu coração a sua imagem querida, cada vez mais lhe avivava as linhas e os contornos.

A Senhora teve um sorriso que seria bom, se a ausência dos dentes o não tornasse hediondo.

— Não imagina, minha senhora, que tormento me causou a notícia do casamento de Miloca... notícia que eu esperava mais dia menos dia.

— Deveras?

— Estive tão doente que julguei morrer! Durante um mês não me levantei da cama, durante seis meses não sorri, durante um ano fugi da sociedade. Não me podia habituar á idéia de que ella pertencia a outro homem!

— Ella não foi feliz na sua vida conjugal: o marido não a estimava, — era um bruto. Um bruto e um perdulário; deitou fora tudo quanto o pobrezinha lhe levava, e morreu deixando-a numa situação bem penosa. Felizmente, Emilia não tem filhos; se os tivesse, não sei como se arranjaría, porque está só, como sabe: morreu o velho... os irmãos já não existem...

— Mas aqui estou eu! Pois para que voltei dô exílio? Quando soube que ella enviuvava, e estava livre, sôzinha, sem aqueles parentes, sem aquele irmão, o meu espirito alvorçou-se e vim para abraçar, aos cinquenta anos, o fantasma que me escapara aos vinte e cinco. Cheguei há dois dias, e não tenho feito outra coisa senão perguntar por ella. Por enquanto só tive informações muito vagas. O seu encontro, minha senhora, é providencial. Foi a minha boa fortuna que me fêz entrar neste bonde. Diga-me: sabe onde mora Miloca Pontes.

— Sei, sim, senhor. Miloca Pontes, ou antes, Emilia Praxedes (ninguém mais a conhece por Miloca) mora á rua Real Grandeza; — mas não o aconselho que a procure.

— Por que?

— Será uma desilusão.

— Estou tão velho assim?

— O senhor tem cinquenta anos, mas está bem conservado, apesar do muito que diz haver sofrido. Tem ainda no olhar alguns lampejos do fogo antigo, conserva no porte e nas maneiras quasi a mesma elegância de outrora e os cabelos grisalhos, se o não embelezaram, não a afieiram de todo. É finalmente, um bello vestígio do bonito rapaz que conheci há vinte e cinco anos; mas a pobre Miloca Pontes... a pobre Emilia Praxedes.

— Que tem ella?

— Oh! não a veja!... não procure vê-la, sr. Malheiros!

— Mas eu vejo-a sempre, sempre, com os olhos da imaginação e da saúde! Se fôsse pintor, poderia fazer o seu retrato, mesmo na ausência do modelo! Vinte e cinco anos não podem ter passado impunemente sobre aquella formosa cabeça, mas é impossível que levassem tudo, não deixassem nada! a expressão daqueles olhos deve ser ainda a mesma... aquele sorriso angélico não se transformou... o moreno das suas faces não desbotou... ella com certeza não perdeu todos os seus encantos no caminho dos quarenta anos...

— Nenhum encanto lhe resta, sr. Malheiros... conheço-a de perto... visito-a constantemente. Creia que Emilia Praxedes não se parece nada com Miloca Pontes.

— Longe de mim, senhora, o pensamento de ofendê-la; permita, porém, que eu considere suspeitas as suas informações. Diz a senhora que é amiga de Miloca, e eu tenho bastante experiência do mundo para desconfiar das amigas.

— Se lhe falei com franqueza, foi por saber que Emilia se esconderá quando souber que o senhor a procura. Ella tem consciência do seu desmerecimento.

— Pois eu quero-a, mesmo desmerecida! Quem o feio ama bonito lhe parece.

— Mas o senhor não a ama...

— Eu?!...

— Quero dizer: ama outra criatura que há muito tempo deixou de existir. Se ella envelhecesse ao seu lado, se o senhor acompanhasse dia a dia os progressos daquela decadência, se visse transformar-se pouco a pouco em ruínas o monumento que conheceu, ama-la-ia hoje como a amou há um quarto de século; mas não. Emilia envelheceu aqui e o senhor na Europa; o sentimento que ella lhe inspirará, quando se encontrarem, não será o amor mas... a piedade. Philemon e Baucis não se amariam depois de velhos, se um deles tivesse deixado a Phrúgia aos vinte e cinco anos...

Esta citação literária veio acompanhada de outro sorriso, ainda mais hediondo que o primeiro.

— Decididamente, pensou consigo Malheiros, esta mulher é um demônio, que a todo transe quer afastar da outra um raio de felicidade.

O bonde tinha chegado á Praça Duque de Caxias; mais alguns instantes, e chegaria ao Hotel dos Estrangeiros. Era urgente completar as informações que tanto interessavam ao quinquagenário.

— Minha senhora, pouco tempo nos resta: vou descer até mais adiante: Qual é o número da casa em que ella mora na rua Real Grandeza?

— Não, não lho digo, não desejo que o saiba... quero poupar-lhe a mais cruel das desiluições... Olhe bem para mim... O meu aspecto é desagradável, não é? Pois, imagine que Emilia é a mesma coisa... tem esta mesma cara... esta mesma fisionomia mortificada pela miséria... é até desdentada como eu!

— Oh! é demais! Ao menos me diga com quem falo, minha senhora!

Por única resposta, ella ergueu uma das mangas do vestido e mostrou-lhe um sinal preto, perto do cotovelo.

— Lembra-se dêste sinal?

Malheiros ficou estupefado, e só então reconheceu a sua companheira de viagem.

— Miloca Pontes!

— Não; Emilia Praxedes, respondeu ella. O bonde estava em frente ao hotel.

Luis Malheiros apertou a mão á pobre senhora, e desceu sem dizer palavra.

Curado de uma paixão que durou vinte e cinco anos, o pobre diabo resolveu fixar-se na pátria, e dar uma boa mesada á d. Emilia Praxedes, que nunca mais viu.

# Prepare seu enscoral



1 — Combinação em crepe da China com aplicações de renda. Metragem: 2m20 por 1m. 2 — Com 0m20 você fará este soutien em brocado. 3 — As aplicações de renda subindo em panos afina a silhueta. Aqui está um original modelo que pode ser realizado em setim rosa. 4 — Combinação de mousseline com aplicações de setim e incrustações de tulle. Metragem: 2m20 por 1m. 5 — Combinação em mousseline. Bem godet na frente, é apanhada no peito com aplicações de renda. Metragem: 2m20 por 1 m.

6 — Para um busto pequeno. Com 0m25 você fará este soutien de renda. 7 — Camisola tendo o peito todo trabalhado em nervuras. Os laços nos ombros dão-lhe muita graça. 8 — Camisola com enfeites de outra fazenda estampada. 9 — Novamente as nervuras enfeitando uma camisola. Apenas aqui, elas sobem direitas da cintura até os ombros.

# COZINHA

VIRGÍNIA

## Como aproveitar o que sobrou da véspera

### 1) BOLINHO DE ARROZ

Tome a quantidade de arroz que sobrou, já preparado, passe na máquina de moer. Depois junte uma gema de ovo, amasse bem, faça os bolinhos e passe na farinha de trigo. Frite-os na gordura quente.

### 2) CROQUETES DE CARNE ou de GALINHA

Qualquer sobra de carne ou de galinha é feita do mesmo modo.

Passe na máquina de moer a quantidade que tiver de carne, refogue novamente com gordura, alho, cebola, tomates, um pouco de pimenta do reino e temperos verdes. Depois junte um pouco de água e quando estiver fervendo, ponha farinha de trigo até engrossar, formando uma massa. Junte uma gema, misture bem, deixe esfriar. Depois de frio, enrole e passe-os em ovos batidos e por último na farinha de rosca. Frite em gordura bem quente. Sirva-os sobre folhas de alface.

### 3) RISÓTO DE CARNE ou de GALINHA

A maneira de preparar é a mesma.

Se fôr sobra de carne, desfie a carne; se fôr sobra de galinha, tire-a dos ossos. Faça um novo refogado com bastante tomate, deixando uma boa quantidade de molho. Depois misture com arroz já preparado, regando sempre com o molho, adicionando "petit-pois", queijo ralado, fatias de presunto fresco. Enfeite com azeitonas, ovos cozidos, rodela de tomate e leve ao forno para corar.

### 4) LEGUMES

Se o que sobrou foram legumes em salada ou mesmo legumes refogados, podemos aproveitá-lo em sopa.

Faça novamente um bom refogado, com todos os temperos, pondo uma colher não cheia de manteiga ou se gostar mais, pode ser um pouco de azeite doce. Passe primeiro os legumes na peneira, juntando um pouco de água (no caso de ter um "líquidificador" será melhor). Depois de obtida a massa, juntar ao refogado e deitar água suficiente para fazer a sopa deixar ferver um pouco, e quando fôr servir juntar pãezinhos torrados em pedacinhos. No caso de ser pequena a quantidade de legumes e não ficar a massa grossa, quando levar ao fogo para ferver, juntar uma colherinha de maizena.

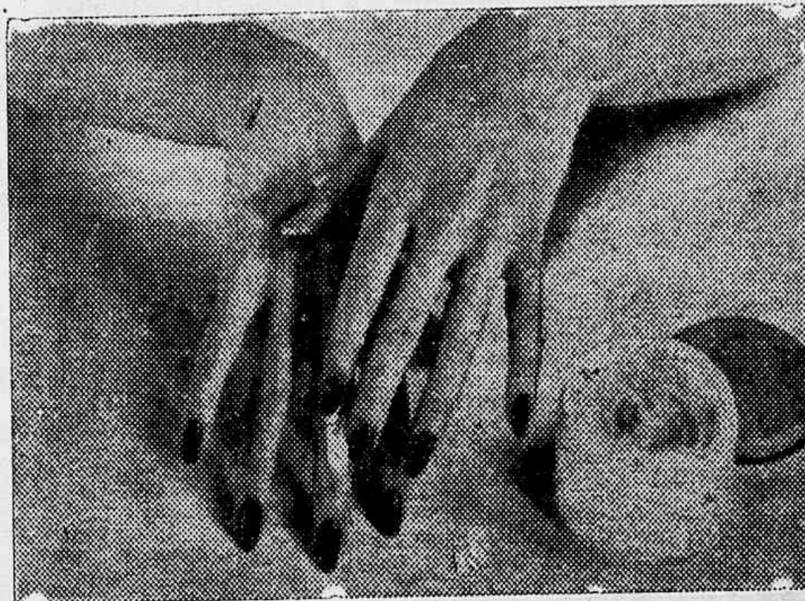
## S O B R E M E S A

Vamos aproveitar os pães.

Se temos alguns pães dormidos, devemos fazer um pudim. Corta-se toda a casca do pão, deixando apenas o miolo, que deve ficar de molho no leite fresco. Depois passa-se na peneira; a quantidade obtida deve ser de uma xícara (das de chá). Bate-se 3 ovos, primeiro, as claras, depois junta-se as gemas; depois de bem batido mistura-se com a massa do miolo de pão, mais um copo de leite, uma colherinha de maizena, um cálice de vinho do porto, passas e um pouco de canela em pó. Unta-se a fôrma com calda queimada e um pouco de manteiga, leva-se ao forno quente para assar.

# Embeleze suas mãos

Por SALETE



Mesmo com pouco dinheiro você poderá ter belas mãos. Não é necessário ir à manicure; apenas um pouco de paciência e cuidado.

Se você se ocupa no trabalho doméstico, naturalmente terá que dispensar maior cuidado às suas mãos. Com um pouco de paciência, mesmo que você disponha de pouco tempo, poderá livrar suas mãos das rugas e asperezas, dando às mesmas, pequenos cuidados diários. Antes de varrer a casa, por exemplo, não esqueça de passar uma leve camada de loção (loção semi-líquida que desaparece quase instantaneamente).

Na cozinha evite as bruscas mudanças de temperatura, como água quente e fria e para lavar as panelas, use luvas velhas ou de borracha.

Uma boa escovadela no fim do dia, é ótimo para desencardilá-las e ativar a circulação. Antes de dormir, faça uma vigorosa massagem das pontas dos dedos ao pulso, como se fôssemos calçar luvas. Assim suas mãos ganharão um aspecto sadio e agradável.

## Vinte e sete artigos de lei...

(Conclusão da pág. 11)

ciente. Durante dias, eu cuidei dele. Minha sogra rezava em todos os templos da cidade. Mas ele morreu ao fim de três semanas.

«Eu ficara viúva. Minha sogra me disse que eu não devia sair muitas vezes, para evitar a maledicência. E os anos passaram.

«Quando completei 26 anos, um dia, o irmão de meu marido veio para nossa casa. Ele compreendeu minha situação. Sua amizade trouxe-me um reconforto que eu não conhecia desde muito tempo. Algum tempo depois, confessou-me seu amor e pediu-me que o desposasse. Eu o amava e no entanto isso era um pecado mortal, pois eu era viúva.

«Quando minha sogra soube de nossos planos, chamou-me de todos os nomes, acusou-me de haver matado seu primeiro filho e de querer enfeitiçar o segundo. Ele, teve que abandonar a casa no dia seguinte.

Após a libertação, a jovem mulher soube um dia que existia uma nova lei sobre o casamento. Amigos enviaram-lhe o texto da lei, recortado de um jornal. Apesar de sua sogra, ela escreveu então para seu primo. Eles se casaram.

### LUIZ WERNECK DE CASTRO

Advogado

RUA DO CARMO, 49, 2º ANDAR, SALA 25  
Diariamente, das 12 às 13 e das 16 às 18 horas  
Fone: 23-1064

### Doenças nervosas e mentais DR. FRANCISCO DE SA' PIRES

Psicoterapia e Análise  
Professor de Clínica Psiquiátrica  
RUA SANTA LUZIA, 732, S/718 - 7º ANDAR  
Diariamente

# Vinte e Sete Artigos de Lei Que Libertaram Milhões de Mulheres!

Henry Carson

**A** MULHER chinesa usa calças há séculos. Isso não a impediu de ser humilhada, maltratada, de ser uma escrava de seu lar. Noivas vendidas de 7 ou 12 anos, pequenas prometidas que o haviam sido antes de nascer, milhões de chinesas estavam ligadas por toda a vida, desde a infância, a um marido que, muitas vezes ele também, submetia-se à vontade dos pais. A esposa chinesa devia suportar além disso o costume atroz da poligamia. Paradoxalmente, a viuvez era considerada uma catástrofe. É que a viúva, tivesse o casamento se consumado ou não, e qualquer que fosse a sua idade ou a de seu esposo no momento de sua morte, ficava condenada a permanecer fechada dentro de casa, escrava dos sogros que a obrigavam a trabalhar muito, para não ter que nutrir uma boca inútil, mas que não desejavam sobretudo que a conduta da nora se prestasse a escândalo e os obrigasse a baixar o rosto.

Um velho provérbio dizia: «Um bom cavalo não aguenta duas rédeas, uma boa moça não se casa duas vezes».

## O HOMEM ERA O REI

Tais costumes eram tão generalizados, tão fortemente implantados nos espíritos, sobretudo no campo, que a lei sobre o casamento foi uma das primeiras leis importantes adotadas pela República popular da China e sua aplicação pôde ser considerada tão importante como a da reforma agrária. Se esta última libertou centenas de milhões de camponeses, a nova lei sobre o casamento libertou centenas de milhões de mulheres e crianças.

E o homem? O homem era o rei. Na idade em que se brinca de amarelinha, ele via chegar em casa uma menina que seus pais haviam comprado para ele e que fazia os serviços domésticos, enquanto esperava tornar-se sua mulher. Quando (mais tarde) ele se cansara dela, podia trazer para casa várias concubinas. Se ele ficava reduzido à miséria, podia também revendê-la. Ele podia expulsá-la quando quisesse sob não importa que pretexto, ciúme de sua parte ou esterilidade de sua esposa.

Teoricamente, a mulher também podia pedir divórcio. Mas o número de mulheres que foram, ainda nestes últimos anos, levadas ao suicídio ou assassinadas porque desejavam o divórcio, prova a que ponto sua liberdade era teórica. A lei das «sete condições de retorno» era inteiramente vantajosa para o marido. Eram bem raras aquelas que conseguiam obter a «ruptura honrosa».

A bigamia, ou antes a poligamia, estava muito espandida. Uma espécie de poligamia foi mesmo reconhecida pela lei durante a monarquia e sob o governo de Peipyang (casta dos «senhores guerreiros»). Um herdeiro, para assegurar a descendência masculina de vários de seus tios paternos que não possuíam filhos, podia tomar várias mulheres. As poligâmias de fato eram muito mais numerosas. As concubinas, vivendo juntas na casa dos ricos chineses, foram durante muito tempo motivo de encantamento para inúmeros viajantes românticos. Eles não viam o reverso da medalha! É inútil dizer que a poligamia era um luxo dos ricos, e portanto, estava menos espandida que os outros costumes, contra os quais se ergueu a nova legislação matrimonial chinesa.

Nos dez últimos meses de 1940, 50 a 70% dos processos civis foram processos de divórcio (99% em certas comunidades). E os queixosos eram sobretudo as queixosas. Em Changai, dentre os 77 primeiros processos de divórcio julgados após a libertação, apenas 7 haviam sido solicitados pelos homens.

## AS MULHERES CHORARAM DE ALEGRIA

A elaboração da lei foi bastante longa (cerca de 18 meses). No entanto, seu texto não é longo e cada um de seus vinte e sete artigos pareceriam bem simples se não soubéssemos que cada um deles trouxe uma reforma profunda na sociedade chinesa. Esse texto constituiu para os milhões de mulheres chinesas que o leram, às vezes por acaso, uma verdadeira revelação: elas choraram de alegria ao lê-lo: ele transformou sua vida.

Aí se lê, em primeiro lugar, que será posto em prática o sistema matrimonial da nova democracia, baseado sobre a liberdade para o homem e a mulher de escolher seu cônjuge. «Ficam proibidas a bigamia, o concubinato e a adoção de jovens noivas. Fica proibido igualmente a intervenção de outrem no novo casamento das viúvas». Os chineses só podem casar-se aos 20 anos e as chinesas aos 18. Ninguém se pode casar com um parente em linha direta; mas a questão do casamento proibido entre as pessoas aparentadas até o 5.º grau será resolvida de acordo com os costumes. A proibição do casamento existe também para os casos de impotência, de doenças venéreas ou de perturbação mental incurável, de lepra etc. Os noivos devem apenas apre-



*Kan Tsai-hua e Chen Min-ying receberam o título de heroínas do Trabalho.*

sentar-se à repartição do estado civil e fazer-se inscrever nos registros, para receber uma certidão de casamento. A mulher pode conservar seu nome.

Quanto aos filhos, adotivos ou não, os pais devem educá-los, criá-los, não maltratá-los nem abandoná-los. Os filhos devem, por sua parte, atender às necessidades de seus pais e cuidar deles. «Fica inteiramente proibido matar os recém-nascidos e outros crimes semelhantes». O filho natural tem os mesmos direitos que os outros.

Se os dois esposos consentem no divórcio, este lhes é imediatamente concedido. Se não, faz-se uma consulta, tentativas de conciliação, entrega do caso aos tribunais superiores, novas tentativas de conciliação e, se o queixoso não mudou de idéia, concede-se.

Lenine fazia notar a propósito do divórcio: «A liberdade de divórcio não dissolve os laços familiares». É esse o princípio que está na base da nova legislação chinesa, que não é no entanto a mesma que a da URSS, onde em 1944 foi instituído um novo procedimento: os casos de divórcio são julgados pelo tribunal em sessão pública e os divorciados pagam uma taxa especial; além disso, a reiteração do divórcio é limitada. Na China, a lei tende evidentemente, como na URSS, a combater a levandade, a irresponsabilidade em relação ao casamento e à família e a proteger a formação de lares sadios e estáveis. Mas, enquanto na URSS o antigo sistema de casamento já foi abolido há muito tempo, na China, o mais urgente era libertar os milhões de mulheres e às vezes os homens, dos laços que haviam contraído contra sua vontade. O aumento dos processos de divórcio desde a promulgação da lei é um fenômeno temporário e não é absolutamente sinal de debilitamento da moralidade. «Esse aumento momentâneo dos casos de divórcio, escreveu a vice-presidente da Federação Democrática de Mulheres Chinesas, divórcios solicitados por homens e mulheres... que desejam desembaraçar-se de seu esposo (ou esposa) insatisfatórios para dar lugar ao eleito de seu coração, é um fenômeno normal do progresso da sociedade, do avanço revolucionário, da racionalização que substitui a desordem».

## «EU TIVE QUE DESPOSAR MEU PRIMO PORQUE ELE IA MORRER»

O que significou a reforma do casamento para o povo chinês, pode-se ver através dos fatos diversos que se pode ler na imprensa chinesa, que nos dizem melhor.

«Minha mãe, conta uma jovem mulher, Chien Yin, ao jornalista que a interrogava, me havia prometido, quando eu tinha dois anos, a meu primo Tseping. Um dia, quando eu estava na escola, minha mãe me fez voltar para casa. Meu primo estava prestes a morrer e tudo havia sido preparado para o nosso casamento. Eu suplicava que me poupassem, mas minha mãe me disse: «Tu estás prometida a ele, pertences, portanto, à sua família e tua sogra espera que esse casamento expulsará os maus espíritos de teu primo». Ela chorava comigo, repetindo: «Pobre, pobre filha!».

«Três dias após, levaram-se num palanque vermelho para a casa de meu primo. Ele nem me reconheceu: já estava incons-

(Conclui na pág. 10)

# Jean Sarquis em Perigo de Vida!

**C**ONTINUAM presas, cumprindo a pena injusta que lhes foi imposta, de mais de 4 anos de prisão, as valentes partidárias da paz, Marinete Afonso Lins e Jean Sarquis. Submetidas a uma série de arbitrariedades e violências, desde o uso obrigatório do uniforme de presas comuns, até a proibição de receber visitas, jornais ou revistas, aquelas amigas têm sabido manter sempre, com todo vigor e energia, seu espírito combativo.

Assim é que, na 1.ª quinzena de julho, juntamente com Isabel Dantas, associada da União Feminina de Laranjeiras, que havia sido presa após a invasão de seu domicílio e contra quem foi forjado um processo, pela polícia, fizeram elas um grande movimento de protesto, dentro mesmo da Penitenciária de Bangü, contra as arbitrariedades da direção do presídio.

Durante quatro dias, fizeram greve de fome, após terem colocado vários cartazes nas paredes dos corredores, explicando às demais presas as causas de sua atitude. Também nos dias

de visita, diante das pessoas presentes, realizaram rápidos comícios, protestando contra a sua situação.

No fim do 3.º dia da greve de fome, o secretário do presídio, temendo as conseqüências que poderiam advir, foi avistarse com as três, que dêle exigiram, para pôr fim à greve, o cumprimento das seguintes reivindicações: 1) que lhes permitissem receber jornais e revistas; 2) que as visitas pudessem entrar sem a exigência do cartão; 3) que elas pudessem, na qualidade de presas políticas, ter livre trânsito por todo o presídio, e 4) que fôsse assegurado tratamento adequado a Jean, a qual deveria ser removida para a enfermaria da Penitenciária Central.

Com a promessa de que essas exigências seriam satisfeitas pela direção da Penitenciária, as amigas suspenderam sua greve. No entanto, o ponto que se referia ao tratamento de Jean, não foi cumprido.

Jean Sarquis está gravemente doente, sofrendo ainda de uma úlcera duodenal, o que exige uma dieta rigorosa. Mas o diretor da prisão alega que «não há verba».

A vida de Jean está em perigo. É preciso que tôdas as amigas de Marinete e Jean, as partidárias da paz, as associadas das organizações femininas, as mães que não querem ver seus filhos morrer na guerra, enviem protestos ao Ministro da Justiça, exigindo um tratamento adequado para Jean Sarquis e ao Supremo Tribunal Federal, exigindo sua absolvição.

Não podemos permitir que a essas corajosas amigas falte o calor de nossa solidariedade!

## UM DEPOIMENTO imparcial!



D. BRANCA  
FIALHO

## "VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA"

Neste livro, a ilustre educadora brasileira, condensou as suas impressões sobre a U. R. S. S.

Páginas vibrantes, em que sentimos palpitar um povo, todo entregue à construção pacífica.

Um testemunho honesto e entusiasta!

**CR\$ 10,00** À VENDA  
NAS LIVRARIAS  
e na

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA  
R. 13º ANDAR, SALA 1306 - RIO

# O Ideal Nunca Morre...

Fernanda Brito

**P**RIMEIRO e grande nome estreitamente ligado aos movimentos populares de nossa Pátria, Elvira Pinho foi, incontestavelmente uma das grandes expressões mais vigorosas e combativas da mulher brasileira. Tomou parte saliente na campanha abolicionista do Estado do Ceará, campanha esta que iria, como foi mais tarde, libertar os escravos da «Terra da Luz» antes mesmo do 13 de maio, quando o Brasil inteiro os libertou. Sua vida desde os dias da juventude, sempre esteve a serviço das causas do povo.

Nascida em Maranguape — Estado do Ceará — a 12 de julho de 1860, formou-se professora e exerceu por muitos anos o magistério. Foi diretora da Escola Normal do Ceará, hoje Instituto de Educação, aposentando-se em 1919 após 37 anos de inestimáveis serviços prestados à causa da instrução.

Ao lado de Maria Tomásia, outra lutadora incansável, não só liderou o movimento feminino em defesa dos escravos negros, que os escravos brancos ainda existem, como também teve papel destacado na educação do nosso povo, mormente em relação aos costumes retrógrados da sociedade, face aos preconceitos que, infelizmente predominaram e predominam, ainda em nosso meio, principalmente em relação à mulher. Sôzinha, saía à noite para as reuniões dos grupos abolicionistas, gesto êste que era visto pelos seus contemporâneos como um escândalo.

Após as lutas em prol da libertação dos escravos, Elvira Pinho orientou e foi a mais ardorosa lutadora em socorro das vítimas da sêca de 1915, às famílias dos flagelados que acossados pela calamidade chegaram à Fortaleza.

Fato curioso e que merece a nossa mais viva admiração, no qual o seu elevado espírito de humanidade e justiça social se nos apresenta fielmente retratado, foi aquele em que, o governador do Estado do Ceará, Sr. Benjamim Barroso, procurado pelos retirantes que buscavam auxílio, afirmou que os mesmos não queriam trabalho e sim esmolas. Elvira Pinho sabedora disto corre ao palácio do governo e protesta, que os retirantes não eram mendigos como pensava o governador; se lhes dessem trabalho êles seriam trabalhadores côncios das suas responsabilidades.

Menosprezada nas suas pretensões, procurando mostrar o êrro do governo que sômente esmolas oferecia aos flagelados, negando-lhes intransigentemente, o direito de trabalhar para a sua manutenção. Elvira Pinho procurou um dos retirantes, levou-o à sua residência, deu-lhe comida, matou a fome de sua família, depois entregou-lhe uma enxada conduzindo-o à Praça Fernando Vieira, dando-lhe trabalho. À tarde deu-lhe mais comida e deixou-o que se fôsse dizendo-lhe que se quisesse trabalhar, voltasse. No dia seguinte, para a sua admiração e espanto de todos, ainda madrugada, ao abrir a porta de sua casa, mais de uma centena de retirantes estavam ali prostados para lhe pedir trabalho. Elvira Pinho levou-os ao governador e êste reconhecendo a sua errônea impressão de que o nosso homem do interior era preguiçoso, abriu serviço para os flagelados, os quais trabalharam muito pelo progresso e asseio da cidade de Fortaleza, serviços êstes que eram orientados e dirigidos por Elvira Pinho.

Velhinha e alquebrada pelo pêso dos anos, ainda em 1946, dias antes de sua morte mobilizou as mulheres cearenses contra a carestia da vida e presidiu uma grande passeata de protesto pelas ruas de Fortaleza. E, naquela tarde de sol tôda a cidade assistiu, aclamando-o respeitosamente — a sua passagem triunfante na liderança da Sociedade das Donas de Casa contra os exploradores do povo. Foi aí que se deu uma das cenas mais comoventes de sua vida: Acercando-se de Elvira Pinho que se movimentava com extrema dificuldade, já atormentada pela moléstia que a levou ao túmulo, um amigo advertiu-a: «A senhora está muito velha para estas coisas. Isto é uma imprudência!» — Severamente, fitando-o talvez com desprezo e piedade, Elvira Pinho respondeu-lhe: «Para lutar pelo povo eu não estou velha. O ideal nunca morre!»

Elvira Pinho faleceu em Fortaleza a 26 de Agosto de 1946. Ao seu entêrro compareceram milhares de patriotas, admiradores de sua coragem — e entre êles uma velha escrava, que fêz questão de depositar, com as suas lágrimas de gratidão, um ramallete de papoulas, no túmulo da grande e inconfundível abolicionista.

# A Vida Artística na URSS

MARIUCCIA LACOVINO

## Sempre os 1.º prêmios nos concursos internacionais em que tomou parte

**C**ONTAR em poucas palavras o que é a vida musical na União Soviética é impossível. Direi um pouco do que vi nas Escolas Normais e Superiores. Visitei as de Moscou, Leningrado e Tbilice (capital da Geórgia).

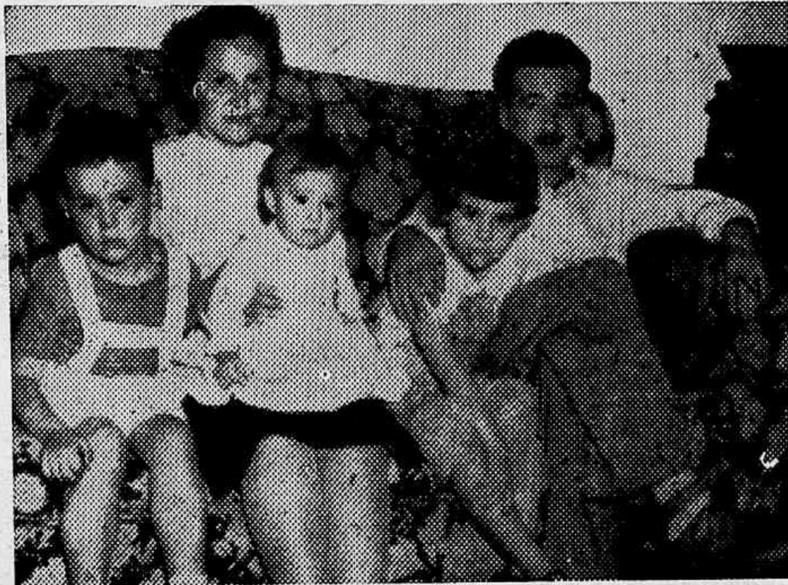
Nesta última assistimos a uma audição de alunos superiores do Conservatório local, em que tomaram parte também alunos do Conservatório da Armênia.

O aluno que deseja estudar música na União Soviética, pode freqüentar, a partir dos cinco anos de idade, um curso de observação, ministrado na própria Escola Normal, cuja finalidade é dar ensejo ao aluno de evidenciar a sua vocação e escolher o instrumento de sua predileção. Aos 7 anos pode começar o curso normal de música. No mesmo edifício da Escola Normal, o estudante faz paralelamente ao curso de música, os cursos primário e secundário. Para o aluno proveniente de outras cidades e das aldeias, há internatos e bolsas de estudos. O curso completo é de 16 anos, dividido em normal e superior. Este último é feito quando o aluno já tem o de humanidades, isto é, já tem o que chamamos ginásial e científico ou clássico, o que dá a possibilidade ao aluno de se dedicar inteiramente ao seu instrumento. O resultado é que, quando o aluno

deixa o Conservatório, já tem uma considerável bagagem musical. Daí o nível muito alto que observei e daí o fato dos concorrentes soviéticos conquistarem sempre os primeiros prêmios nos concursos internacionais em que tomam parte.

Fui ao Conservatório de Leningrado. Ia tão emocionada lembrando-me dos grandes artistas que lá estudaram e depois conquistaram celebridade mundial: Heifetz, Borowski, Mischa Elman, Essipoff, sem contar Tchaikowski e Liadow! Li seus nomes inscritos, ao lado de tantos outros, numa placa de mármore, no alto da escadaria nobre. Numa das inúmeras salas de aula, ouvi uma aluna da classe de violoncelo a quem faltavam ainda quatro anos para terminar o curso, tocar essa obra admirável que é o Concerto de Kabalevski, de cor, com técnica e musicalidade perfeitas. Manifestei minha admiração, não só pela violoncelista, como pela acompanhadora que havia tocado admiravelmente a parte de piano. Soube então que no Conservatório há mais de 40 pianistas-acompanhadores para as classes instrumentais e de canto.

O ensino da música é inteiramente gratuito. Os alunos têm à disposição um corpo de professores de fama internacional, como por exemplo Guillels, que



Jorge Amado, ao lado de sua esposa, Zélia Cattai, e de seus filhinhos João e Paloma, abraçando a pequena Janaína, filhinha de seu irmão James Amado e da poetisa Jacinta Passos.

## Jorge Amado volta ao Brasil

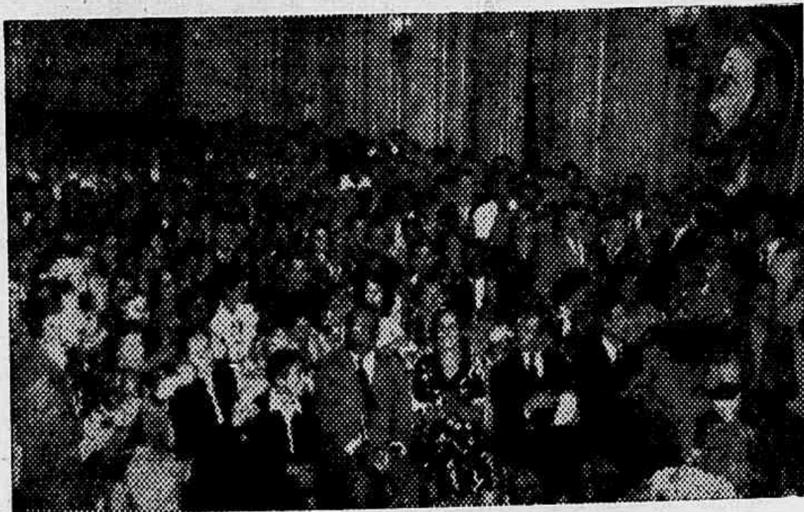
O romancista Jorge Amado, conhecido internacionalmente por suas obras, já traduzidas para diversos idiomas, acaba de retornar ao Brasil, após uma ausência de mais de dois anos.

O conhecido escritor percorreu vários países da nova democracia, tendo visitado por mais de uma vez a União Soviética e a China Popular.

Suas impressões sobre essa estada foram descritas em seu já célebre livro «O Mundo da Paz», já em terceira edição no nosso país.

é, com Richter, o ponto alto da pianística soviética da nossa geração. O primeiro, já o tinha ouvido na Itália. É um dos maiores pianistas do nosso tempo. Entre os professores de violino, basta citar um: Oistrach. Recentemente ainda tocou em Bruxelas. A seu respeito ouvi de um musicólogo belga a afirmação de que continua figurando na primeira linha dos maiores violinistas do mundo. Se me sobrasse espaço, falaria dos professores notáveis de todas as outras classes, assim como

das instalações inigualáveis do Conservatório. Não me resta espaço tampouco para dizer do interesse que todos, alunos e professores, manifestaram pela nossa música e a admiração que os compositores soviéticos demonstraram pelos compositores brasileiros. Todos, em côro unânime, pediam-me transmitisse uma saudação fraternal aos músicos do Brasil, desejando que um mundo de paz lhe desse a oportunidade de maior intercâmbio artístico com todos os povos da terra.



No dia 5 de julho instalou-se solenemente, no Salão Nobre da Câmara de Vereadores do Distrito Federal, a III Convenção Nacional de Defesa do Petróleo. Dela participaram dezenas de delegados, de todos os Estados do Brasil, além de ilustres personalidades, dos mais variados setores profissionais do país.

Realizaram-se várias sessões plenárias, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, durante as quais se fizeram ouvir inúmeros delegados. Em meio a grande entusiasmo de todos os presentes, foi energeticamente repudiado o projeto em discussão na Câmara Federal, que cria a "PETROBRÁS", como altamente lesivo aos interesses nacionais. Foram unânimes os convencionais em proclamar a necessidade de intensificar as lutas populares contra a aprovação daquele projeto e a favor da exploração nacional de nosso petróleo, contra as pretensões dos trustes internacionais, em particular da Standard Oil.

A III Convenção foi encerrada nas escadarias da Câmara de Deputados, ocasião em que foram entregues aos representantes presentes as resoluções aprovadas em plenário.

Prosseguirão agora, em todo o país, as manifestações e os protestos contra a entrega de nosso petróleo, patrimônio legítimo do povo brasileiro.

## Reune-se o C. E. da FDIM

INSTALOU-SE no dia 18 de julho, na cidade de Bucareste, capital da República Popular da România, a XIIIª reunião do Comitê Executivo da Federação Democrática Internacional de Mulheres.

Uma vez mais, a poderosa organização feminina que reúne dezenas de milhões de mulheres de todos os países do mundo, reune-se para discutir problemas de grande interesse para a ampliação e o desenvolvimento do movimento feminino.

Sob a presidência de Mme. Cotton, participaram da mesa, Nina Popova, presidente do Comitê Anti-fascista de Mulheres Soviéticas, Marie-Claude Vaillant Couturier, secretária geral da FDIM, Shen Yuan Gui, re-

presentante da Federação de Mulheres Chinesas e Elisa Uris, representante da União de Mulheres Espanholas.

A ordem do dia constou dos seguintes pontos: 1) Acordos para uma reunião extraordinária do Conselho Mundial da Paz; 2) Tarefas das organizações femininas nacionais para a defesa dos direitos da mulher; 3) Balanço do dia Internacional de Defesa da Infância e medidas para intensificar a atividade em defesa das crianças.

Assistiu à reunião da FDIM a Sra. Ofélia do Amaral Botelho, representante da Federação de Mulheres do Brasil, que participou do recente Congresso Internacional em Defesa da Infância.

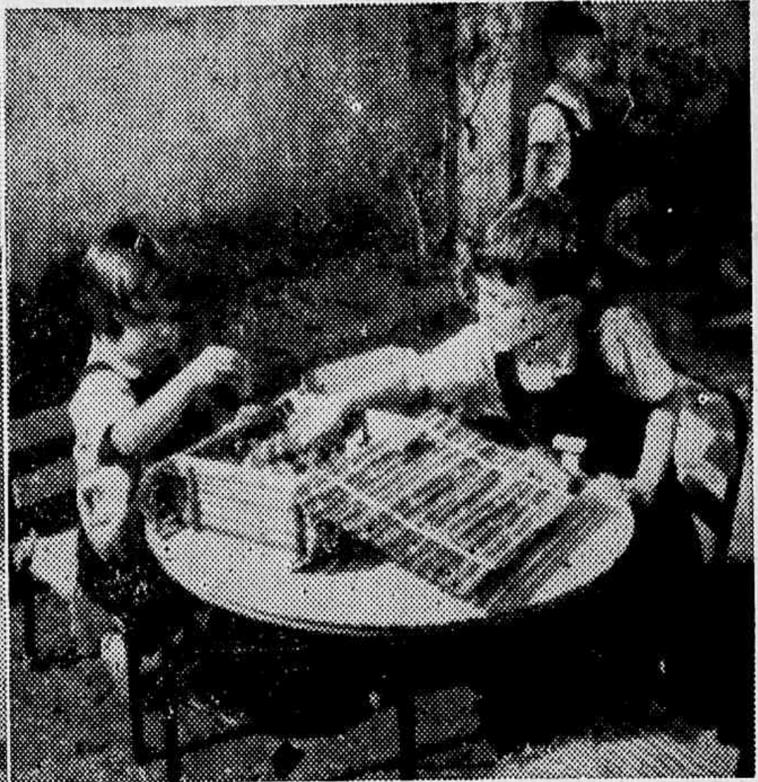
### OFICINA DE CONCERTOS

ELETRO-MECANICA

DARWIN DA SILVA REIS

Rádios, Geladeiras, Enceradeiras, Bombas-Hidráulicas, Fêrros, Chuveiros, Fogareiros, Aquecedores Elétricos, Fogões a Gás, etc.

FONE: 42-0954



Como são felizes esses garotinhos, brincando com tintas e jogos do jardim de infância! É necessário que todas as crianças possam ter esse prazer!

# Férias sem Recreação!

O PARQUE existente na Glória nos dá uma pequena idéia daquilo que todos os nossos meninos tinham o direito de possuir.

Quando no meio da corrida doida de um ônibus ou lotação, olhamos para lá e vemos a petizada brincando, não podemos deixar de sentir uma certa alegria interior. Partindo dali, parece chegar até nós, um pouco desta fonte perene de vida que há no correr e no saltar de uma criança.

Mas depois o ônibus passa e essa mesma criança nos faz meditar mais profundamente sobre ela, alargando um pouco o nosso pensamento.

Pobre criança brasileira, pobre criança carioca! Como tem poucas coisas para formar a sua personalidade e como é incompleto o pouco que tem!

Alguns parques recreativos foram ultimamente espalhados nos principais bairros da cidade. A meia dúzia de gangorras e balanços, colocados nas praças públicas, fez muita gente bater palmas e soltar um suspiro de alívio: «Pronto, as nossas crianças já têm onde passar o tempo!»

O problema porém, na vida de uma criança não é passar o tempo, e sim aproveitar o tempo. Ela está-se criando, crescendo física e moralmente. Do meio ambiente em que viver e das atividades que tiver, resultará sua atitude futura em face da sociedade.

A criança vive essencialmente de sua afetividade. É pois, por meio do amor que lhe dedicarmos e do prazer que lhe proporcionamos através de suas diferentes atividades, que poderemos formar nelas um caráter sadio.

Pelo amor aprenderemos a conhecê-la, a saber todas as nuances de sua sensibilidade. Conhecendo-a, facilmente a compreenderemos. E a criança sempre confia naqueles por quem se sente compreendida.

Quanto ao prazer que possa encontrar nas suas atividades diárias, quer em relação aos brinquedos, quer em relação ao trabalho e ao estudo, também pode ser conseguido sem grande dificuldade. Ela fará tudo que se quiser se soubermos estimulá-la

para isso. Esse estímulo deve partir de uma atitude pessoal do adulto e através da própria recreação.

É aí que voltamos ao ponto de partida. Onde estão os parques infantis, as colônias de férias, os clubes especializados, onde deixarmos os nossos filhos, na certeza de que estão sendo bem orientados?

Já chegou o mês de julho e com ele o encerramento das aulas. Para as mães, principalmente para as mães que trabalham, as férias de seus filhos em vez de constituírem um prazer, mais se assemelham a uma catástrofe. E as crianças, sempre as maiores vítimas desse mundo desequilibrado em que vivemos atualmente, vão sendo enfonhadas e ageitadas nos caminhos mais contra-indicados para a sua boa educação.

Afastadas dos deveres escolares, mais tempo encontram para um mergulho completo na nociva literatura infantil que circula em nosso país, sem falar no rádio e na televisão, ou nos filmes não menos nocivos que as nossas salas de espetáculo apresentam.

Recentemente, com a realização do 1.º Congresso Internacional em Defesa da Infância, este e outros problemas foram levantados, visando a defesa da criança.

No Brasil, está em pleno funcionamento a Comissão Brasileira de Defesa da Infância, que tem por programa não só exigir o cumprimento das leis que já existem, em benefício da criança, mas de apresentar propostas e sugestões de medidas a serem tomadas pelas autoridades competentes, em favor da criança brasileira.

Assim, pela união de todas as pessoas interessadas em problemas infantis e conhecedoras desses problemas, não só no Rio de Janeiro, mas em todas as cidades e municípios do Brasil, serão eles debatidos e se buscará caminhar no sentido de sua solução.

As crianças do Brasil devem ter férias alegres, com uma recreação orientada, que permita seu pleno desenvolvimento.

THAÍS BIANCHI

## O SACI

(Conclusão da pág. 16)

artistas constituiu uma grande preocupação durante o período preparatório, mas penso que foi esplendidamente solucionada com a seleção de Lívio Nanni para o papel de Pedrinho, Lúcia de Paula para o de Narizinho, Paulo Matosinho (que, por sinal, já fizera uma pontinha em *O Comprador de Fazendas*) para o papel-pé-título, Maria Rosa Ribeiro para o de Dona Benta, a pequena Olga Maria para o da boneca Emília, e Benedita Rodrigues para o de Tia Nastácia. Aliás, deve-se notar que Dona Benedita foi cozinheira de Monteiro Lobato, sendo possível que tenha inspirado a própria figura já legendária da boa Tia Nastácia.

Durante cinco meses, enfrentando um assustador período de chuvas torrenciais, os artistas e os técnicos de *O Saci* filmaram no interior do Estado de São Paulo, na longínqua cidadezinha de Ribeirão Bonito, onde foram encontrados todos os locais apropriados ao desenvolvimento da história. Até as cenas interiores foram feitas lá mesmo em Ribeirão Bonito, num barracão improvisado em estúdio.

Nesse contacto permanente com a natureza paulista, muito

parecida com aquela que Lobato descreveu em seus inúmeros livros, é lógico que *O Saci* tenha lucrado muito em autenticidade. Como acessorista, a produção contratou um habitante de Ribeirão Bonito, Albertino Leite, que garante a legitimidade de cada peça ou utensílio. E outro nativo, Armando Fabbri, resolveu um difícil problema de produção quando inventou o «rodãozinho» em que Pedrinho pega o Saci. Como se isso não bastasse, foi lá mesmo em Ribeirão Bonito que encontramos a famigerada Cuca — a feiticeira que transforma Narizinho em pedra —, e que, sem dúvida alguma, constituirá uma das maiores surpresas do filme.

Tendo por base uma obra-prima da literatura infantil de Monteiro Lobato, adaptado por um dos maiores conhecedores de seus escritos e sua personalidade, produzido por um grupo de jovens cineastas brasileiros num ambiente 100% típico, *O Saci* não poderá deixar de ser um dos filmes mais genuinamente brasileiros jamais feitos no Brasil. A meu ver, é um filme que merece ser esperado. E nós, que nele trabalhamos, estamos certos de que o público brasileiro saberá corresponder à brasilidade e à perseverança de Artur Neves, que tudo sacrificou para torná-lo possível, acreditando, como acreditamos todos nós, que os brasileiros querem filmes que sejam realmente brasileiros.

# Vida de MOMENTO FEMININO

## AUMENTARAM SUAS COTAS:

<b>BAHIA — SALVADOR</b>	
Maria Brandão Reis .....	mais 100 exs.
<b>GOIÁS — RIO VEDE</b>	
Dirce Testa .....	mais 20 exs.
<b>MINAS GERAIS — BELO HORIZONTE</b>	
Maria Jerônimo .....	mais 20 exs.
<b>RAPOSOS</b>	
Francisca Lazarina .....	mais 5 exs.
<b>UBERLÂNDIA</b>	
Irma Rezende .....	mais 20 exs.
<b>ESTADO DO RIO — NITERÓI</b>	
Judith Alves .....	mais 80 exs.
<b>SÃO PAULO — JUNDIAÍ</b>	
Izabel Tasca .....	mais 10 exs.
<b>RIBEIRÃO PRETO</b>	
José Marietto .....	mais 30 exs.
<b>BAURÚ</b>	
Dalcina Aguiar .....	mais 20 exs.
	350 exs.

## NOVOS REPRESENTANTES:

<b>ALAGOAS — MACEIÓ</b>	
Mariana Leocádia Freitas .....	20 exs.
<b>BAHIA — LIVR. BRUMADO</b>	
Gezulino Teixeira .....	5 exs.
<b>CEARÁ — ICÓ</b>	
Francisca da Silva .....	100 exs.
<b>GOIÁS — CATALÃO</b>	
Judith Pires de Campos Neto .....	20 exs.
<b>GOIANDIRA</b>	
Carmen Isaac Martins .....	5 exs.
<b>GOIÂNIA</b>	
O' e O' .....	20 exs.
<b>NAZARINA</b>	
Maria Maria .....	5 exs.
<b>RIO GRANDE DO SUL — ERECHIM</b>	
Otília Miranda Kerr .....	30 exs.
<b>SÃO PAULO — BIRIGUI</b>	
Florinda Rosa .....	30 exs.
<b>MARTINÓPOLIS</b>	
América Valadão .....	5 exs.
<b>SERGIPE — ARACAJÓ</b>	
Nadir Moraes .....	40 exs.
	280 exs.

## DIMINUÍRAM SUAS COTAS:

<b>D. FEDERAL — ILHA DO GOVERNADOR</b>	
Dulce Nogueira .....	menos 15 exs.
<b>GOIÁS — JATAÍ</b>	
Zélia Rocha .....	menos 15 exs.
<b>PIRES DO RIO</b>	
Rosalina Nunes .....	menos 5 exs.
<b>ESTADO DO RIO — SÃO GONÇALO</b>	
Olga Barbosa .....	menos 10 exs.
<b>SÃO PAULO — OURINHOS</b>	
Deolinda Costa .....	menos 20 exs.
<b>SANTOS</b>	
Odete Souza .....	menos 250 exs.

Dr. Irun Sant'Anna

CLÍNICA MÉDICA

Rua Visc. de Rio Branco, 877 — 3º andar — Sala 8

NITERÓI

Têrças, quintas e sábados, das 17 às 19 horas

Telefones: NITERÓI 5302 - RIO 48-0516

# Correio Feminino

«MOMENTO FEMININO» reinicia sua seção de correspondência das leitoras. Chegam à nossa redação, semanalmente, dos pontos mais distantes do país, relatos de experiências sobre a divulgação de nossa revista e uma soma ponderável de sugestões. MOMENTO FEMININO sente-se orgulhoso e agradece tôdas as provas de carinho e dedicação das leitoras. Publicamos quatro dessas cartas recebidas.

**Saldando uma velha d'vida —** Nossa correspondente de Santo André enviou-nos a importância de Cr\$ 650,00, discriminando: Cr\$ 362,00 são para o pagamento das últimas remessas da revista, os restantes Cr\$ 288,00 seguem para amortizar nossa dívida. «Consequiremos saldar todo nosso compromisso. Nos domingos, as amigas do MOMENTO FEMININO em Santo André percorrem os bairros fazendo arrecadações com êste fim». Fomos bem recebidas no Parque Nações e nas Vilas Alzira, Assunção, Guimar e Humaitá». Deixamos aqui o exemplo de Santo André, como proveitosa iniciativa a ser imitada em outras cidades.

**Precisamos de mais exemplares —** De Uruguaiana, R. G. do Sul, nossa amiga Deusina Goulart informa que MOMENTO FEMININO foi aceito com entusiasmo e pede «maior remessa no próximo número». Seu pedido será satisfeito, com imensa alegria.

**Em tôrno de uma sugestão —** De Feira de Santana, Bahia, nossa leitora Ana Margarida atira-nos essa pergunta: «Por que MOMENTO FEMININO não apresenta alguns modelos de lingerie?» Sua proposta foi debatida em nossa reunião de redatoras e, na página central do presente número, você encontrará o resultado da discussão.

**Cinco anos de luta —** Por motivo do quinto aniversário de MOMENTO FEMININO recebemos de Anastácia Camnev a seguinte saudação, que muito nos comoveu:

«Salve o dia 25 de Julho! O aniversário de MOMENTO FEMININO é um grande acontecimento para as mulheres. São cinco anos de luta pela paz e pela liberdade, contra a escravidão, a fome e a guerra. Guerra é uma palavra amarga e cheia de horror. Paz é um nome que leva felicidade e alegria em todos os lares. Com o MOMENTO FEMININO sempre entrou a PAZ em nossas casas. Como leitora de MOMENTO FEMININO faço um apêlo a tôdas as mulheres brasileiras para que divulguem nossa revista. MOMENTO FEMININO merece mais do que uma leitura cheia de atenção, merece nossos esforços para que seja festejado muitos e muitos anos. Salve seus cinco anos de luta pela paz e felicidade de nossos filhos.» — ALINA PAIM

## Concurso Infantil

Uma história verdadeira contada por DELI ESPÍNDOLA, de 11 anos, residente em Florianópolis, Santa Catarina, à rua Felipe Schimidt, 192.

### «VIDA SACRIFICADA»

Bem perto de minha casa mora uma pobre viúva com três filhos, José, Pedro e Manoel. Manoel, coitado, é ceguinho das duas vistas, mas é um artista: com seu cavaquinho alegre todo o povo da redondeza.

D. Maria é lavadeira.

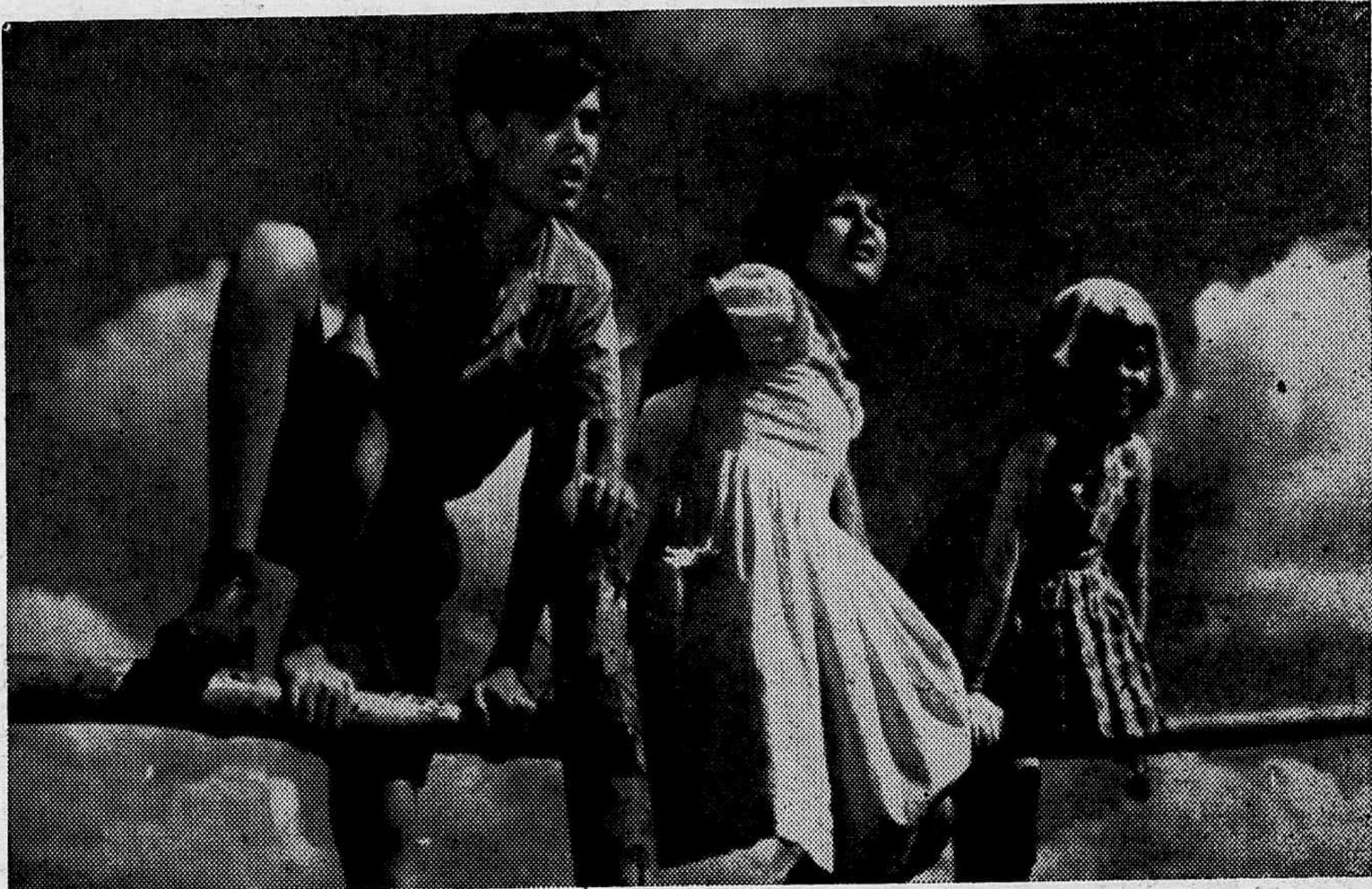
Certo dia foi informada de que devia pedir um auxílio à Legião Brasileira de Assistência, pois ninguém mais do que ela seria merecedora de auxílio. Vestiu-se e aos três filhos e foi falar com a sra. do governador do Estado, que é a presidente da Legião. Da primeira vez não conseguiu. E muitas vezes ainda teve que voltar, até que um dia, com muitos pedidos, D. Maria foi atendida. A presidente disse que não podia ajudá-la sem mandar verificar se, de fato, ela precisava de auxílio. D. Maria voltou para casa muito triste, mas ainda lhe restavam algumas esperanças.

E depois de um angustioso mês de espera, apareceram duas granfinas num bonito automóvel,

procurando a casa de D. Maria. Para ver a miséria que ali existe, basta chegar à porta do rancho: sem soalho, um amontoado de pedras num canto, duas tarimbas que servem de cama, perto do fogão uma mesa e um banco tão velhos que só serviriam para o fogo. E' êsse o rancho de D. Maria. Mas, as granfinas não viram a miséria porque não a conhecem. Uma delas puxou a caneta e um caderno de notas, para saber sobre as lavagens de roupa, quanto ganhava por mês, etc. D. Maria contou que tem três a Cr\$ 40,00 cada uma e que as roupas são lavadas num rio bem distante, pois mora à beira do mar. Como poderia viver com essa bagatela? Mas, exigiram duas testemunhas, para confirmar sua pobreza e lá se foram dizendo à D. Maria que aparecesse no fim do mês.

Dias antes de Natal, D. Maria pegou o ceguinho e foi à procura da ajuda prometida, e qual não foi a sua tristeza quando a presidente lhe disse: «A Legião já tem gente demais para ajudar. Enfim, pegue Cr\$ 50,00 para o cego e faça o favor de não aparecer mais por aqui.»

Assim, continua D. Maria lavando roupa, de esmoças e com a mesma vida sacrificada.



Na cerca do Sítio do Pica-pau Amarelo, Pedrinho, Narizinho e Emilia dão adeus ao Saci.

# O Saci

De ALEX VIANY

**N**ÃO foi à-toa que **O Comprador de Fazendas**, apesar de ter tido uma turma técnica predominantemente estrangeira, resultou num dos filmes mais brasileiros até hoje feitos no Brasil. A história, por mais modificada que tenha sido, inclusive para servir ao talento de Henriette Morineau, possuía um sabor tão caboclo, tão tipicamente lobateano, que encontrou da parte do público um acolhimento espontâneo, muitas vezes negado a produções mais caras, mais pomposas, de publicidade mais retumbante — e, no entanto, sem características brasileiras que estabelecessem um ponto de contacto com as nossas platéias.

É mesmo de admirar que o exemplo de **O Comprador de Fazendas**, de resultados tão compensadores para a companhia produtora, não tivesse frutificado imediatamente, aproveitando os estúdios outros contos do próprio Lobato e obras apropriadas de escritores ligados ao povo brasileiro e seus problemas. Entretanto, já agora pode-se notar um movimento nesse sentido. Cavalcanti acaba de dirigir **Simão o Caôlho**, do popular escritor Galeão Coutinho, com o esplêndido Mesquitinha no papel-título. A Vera Cruz anuncia um **Sinhá Moça**, que tem, pelo menos, um bom título brasileiro. E Monteiro Lobato voltará dentro em pouco às telas brasileiras através da versão cinematográfica de **O Saci**.

Tendo feito parte da turma técnica de **O Saci**, e não pretendendo elogiar o filme sem tê-lo visto depois de montado, dublado e musicado, ainda assim posso afiançar que tem qualidades suficientes para fazer frente a **O Comprador de Fazendas** em questão de brasilidade.

Em primeiro lugar, **O Saci** foi adaptado ao cinema por Artur Neves, editor de Monteiro Lobato, seu amigo pessoal, e um dos maiores conhecedores de sua obra. Em segundo lugar, funcionando também como produtor, Neves preferiu reunir uma turma de novatos promissores, reforçada pela tarimba do diretor de fotografia, Ruy Santos, a mandar buscar técnicos estrangeiros, cuja experiência dificilmente poderia substituir a sua estranheza diante de uma coisa tão brasileira como **O Saci**. E, nesse ponto, os resultados foram excelentes: **O Saci** não só treinou um grupo de técnicos brasileiros, mas também adquiriu maior brasilidade através da compreensão que esses técnicos deram aos pequenos e grandes problemas capazes de marcar a origem nacional de uma película.

Naturalmente, não são apenas esses fatores que contribuem para o cunho de brasilidade que há em **O Saci**. A escolha dos

(Conclui na pág. 14)



Narizinho e Pedrinho se abarrotam de pipocas.



Benedita Rodrigues, ex-cozinheira de Monteiro Lobato, é a boa Tia Nastácia.